



O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Karla Cristina Lima Mesquita da Silva¹

RESUMO

O artigo é resultado das vivências de estágio pedagógico não obrigatório em turma de 2^a ano de Ensino Fundamental em uma escola particular. É de caráter descritivo e abordagem qualitativa. Teve como objetivo principal analisar as contribuições do estágio para a formação do profissional docente. Foram utilizados como referência os autores: Tardif (2002) e Pimenta e Lima (2005). Compreendeu-se que é preciso considerar a escola como principal espaço de formação docente, e, portanto de construção de modelos, conhecimentos, práticas pedagógicas e diálogos que incidem diretamente na formação e autonomia dos profissionais pedagógicos.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Formação docente. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Os períodos de estágios são extremamente relevantes à formação profissional dos graduandos, pois possibilita refletir, intervir e aprender junto ao seu supervisor o que de fato ocorre na prática. Assim, o estágio nas séries iniciais do ensino fundamental garante uma experiência única e proveitosa, visto que oportuniza por em exercício o que já foi teoricamente estudado e assim, compreender as possibilidades da utilização de métodos e estratégias eficazes à aprendizagem dos educandos.

Pimenta e Lima (2005) abordam que o estágio não pode ser encarado como mera reprodução de modelos, pois é necessário que os estagiários agreguem valor ao seu saber intelectual analisando, refletindo e criticando as vivências deste período.

Isto posto, o estágio nos permite amadurecer atitudes, enfrentar problemas pedagógicos concretos e investigar soluções possíveis para as dificuldades encontradas. Igualmente este momento é propício a observar a prática docente com fins construtivos de

¹Licenciada Plena em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Ipiranga.



análise e compreensão das situações envolvidas. Assim, Pimenta (1995, p.63) aborda o tema da seguinte forma:

O estágio é um componente do currículo que não se configura como uma disciplina, mas como uma atividade. Um programa de didática como esboçado precisa lançar mão dessa atividade na medida em que ela é propiciadora da inserção dos alunos nas instituições escolares, para o conhecimento de como o processo de ensino aí se dá. (PIMENTA, 1995, p63)

Por isso, o estágio na docência deve ser encarado como uma forma de intercâmbio entre docentes e estagiários ao evidenciar o enriquecimento das práticas pedagógicas a partir da troca de conhecimentos e experiências entre ambos.

Os relatos descritos aqui tem o objetivo de compartilhar as experiências de estágio educacional por meio da narrativa reflexiva de estágio não obrigatório no 2^a ano do Ensino Fundamental na Instituição Escolar SESC², em Ananindeua-PA.

O 2^a ano do Ensino Fundamental está situado no primeiro ciclo das séries iniciais e tem como prioridades desenvolver a linguagem verbal, a escrita além das habilidades matemáticas, bem como a aquisição de conhecimentos nas diferentes áreas, tendo em vista a diversidade cultural e a formação de atitudes e valores reconhecidos socialmente.

O programa de estágio desenvolvido pela instituição escolar SESC viabilizou a realização deste processo de modo significativo proporcionando envolvimento com as atividades práticas cotidianas da instituição, como participação dos processos de construção dos materiais pedagógicos didáticos e planejamento, desenvolvimento das aulas, avaliação e outras orientações.

Desse modo, o artigo é de cunho descritivo qualitativo, com base nos relatos de experiência de estágio e está organizado em três partes: A primeira parte descreve o local onde ocorreu o estágio, seguido de dois tópicos que tratam das vivências. A segunda analisa as contribuições do estágio para a formação do profissional docente. Na sequência são apresentadas as considerações finais.

2 A escola do Serviço social do comercio (SESC) faz parte da Política de assistência aos comerciários e suas famílias.



Contextualização de *locus*

O estágio de caráter não obrigatório aconteceu durante o período de 01 de Março à 30 de Junho de 2016, na Instituição de Ensino Infantil e Fundamental SESC-Ananindeua, localizada na Avenida Governador Hélio da Mota Gueiros, nº 110, na estrada do Quarenta horas, bairro do Coqueiro, Ananindeua - PA, 67120-380.

A escola atende aproximadamente 500 alunos divididos nos turnos manhã e tarde, no ensino infantil (jardim I e jardim II) e no Ensino Fundamental (do 1ª ao 5ª ano). Quanto a estrutura física, a escola conta com 1 sala dos professores, 2 refeitórios (sendo 1 para Educação Infantil e outro para Ensino Fundamental), 1 quadra coberta, 1 almoxarifado, 1 sala de coordenação/secretaria, 1 biblioteca, 1 parquinho, estacionamento próprio e 7 salas de aula. O corpo docente é composto por cerca de quatorze professoras de educação geral, na qualidade de pedagogas e professores de conhecimentos específicos nas áreas de artes, inglês, música e educação física.

O processo seletivo de estágio ocorre sempre ao final do ano letivo e é composto de cadastro de currículo no endereço eletrônico da instituição, seguido de prova teórica e entrevista, visando contratação imediata e formação de cadastro reserva.

Por fim, destaco que a instituição adota as concepções sócio interacionistas e construtivistas no processo de ensino aprendizagem. Para Antunes (1998) no construtivismo o professor deixa de ser um mero “ensinador de coisas” e passa a exercer o papel de mediador das construções de significados socioculturais em que se deve usar como referência o cotidiano dos alunos em conexão com os saberes da escola. Assim, esta compreensão de educação abrange os saberes formais em interação com os diversos contextos, incluindo os sócio culturais.

O processo de ensino na instituição

Quando cheguei na sala já estavam todos na roda de conversa e então a professora titular me apresentou a turma do 2ª ano, como também professora e não como estagiaria o que me deixou bastante surpresa e confiante, pois muitas vezes a designação estagiaria pressupõe a ideia de alguém que tem o saber pela metade, com pouco valor, inexperiência ou que ainda não aprendeu o que deveria. Por isso, tive uma ótima recepção inclusive por parte dos alunos que me fizeram várias indagações a respeito de como seria minha participação na sala durante



o semestre. Expliquei que estava ali para aprender com eles e com a professora e que a experiência seria de singular valor para minha formação.

Essa primeira impressão se somou as observações que destaco como particularidades positivas da escola, que se caracteriza no âmbito do planejamento, organização e desenvolvimento das aulas, o que evidenciou uma interação muito dinâmica entre alunos e professoras. Igualmente, constatei que isto era possibilitado pela proposta pedagógica da instituição que oportunizava de modo eficaz a participação do educando nas aulas. O quadro abaixo agrega uma síntese dos procedimentos didáticos realizados na escola que considerei relevantes:

Quadro 1: Procedimentos didáticos pedagógicos utilizados na escola.

Procedimento didático-pedagógico	Conceito/ Exemplos	Frequência
Sequência de Atividades	Também chamado pelos profissionais da instituição de “percurso” ou “rodizio”, consiste em montar uma sequência de várias atividades que devem seguir a ordem do mais simples para o mais complexo.	Diariamente
Atividades habituais	De caráter diário, como a roda de conversa, leituras coletivas, recreação, atividades de incentivo aos hábitos de higiene dentre outros.	Diariamente
Projetos	As aulas partem de temas geradores propostos pelos projetos maiores. Estes devem estar articulados com os conteúdos de ensino e as vivências dos alunos. Neste interim podem-se gerar subprojetos auxiliares dos projetos maiores.	Dois projetos maiores por semestres.
Ocasionais	Não tem relação direta com o planejamento do dia, parte do compartilhamento de saberes pesquisados ou descobertos por professoras ou alunos.	A critério do professor.
De sistematização	Esta relacionado aos objetivos didáticos, como atividades de registros escritos, aula dialogada, seminários e outros.	A critério do professor.

Isto posto, fui orientada pela coordenadora e professora sobre a importância de incluir todas essas diversidades de procedimentos na rotina de classe, e confesso que fiquei impactada, pois parecia impossível realizar todas essas obrigações cotidianamente e ficava imaginando como a professora era capaz de cumprir tais compromissos. Entretanto, conforme o estágio se desenvolvia percebi que a realização de um bom planejamento escolar é uma questão de hábito, não no sentido de prática apenas burocrática, mas no sentido de respeito e comprometimento com a qualidade do ensino, o que de modo nenhum impediria a flexibilização do trabalho docente.



No que tange a rotina das atividades, destaco o que diz a *Proposta Pedagógica da Escola SESC* (2015, p. 37): “Nesse cotidiano as atividades devem se desenvolver na medida do possível, em uma situação de jogo, estudo e pesquisa conjugando-se objetivos e conteúdos traçados com os interesses das crianças”.

Desse modo, as aulas se iniciavam sempre com rodas de conversa onde os assuntos eram expostos para turma a partir de indagações e reflexões acerca do tema, que conferiam a nós ouvir e discutir com os educados quanto as suas contribuições, dúvidas e entendimento. A roda também era o momento de leitura coletiva sobre pesquisas trazidas pelos alunos, contação de histórias, correção do dever de casa e outras discussões ocasionais.

Quanto ao desenvolvimento das atividades diárias, se adotava uma postura de estímulo à investigação e construção de hipóteses de acordo com a compreensão do conhecimento pelos alunos. O trabalho em grupo, o compartilhamento de dúvidas, ideias e descobertas era instigado. Assim, se alguém chegasse a uma resposta equivocada de algo, a nossa atitude era de compreender quais processos ou caminhos lógicos esse aluno utilizou, para posteriormente intervir da melhor forma. Como destaca Kamii (1990, p.64) “Se as crianças cometem erros é porque geralmente estão usando a sua inteligência a seu modo”.

Os seminários ocorriam de modo planejado, porém sem pressões, pois a maioria das crianças não se sentia incomodada ao ter que explicar a elaboração de suas pesquisas, dificuldades e progressos. E quanto aos projetos, eu os considero a fonte básica de todo desenvolvimento da prática pedagógica no qual esta deve ser sempre articulada de acordo com aquele.

Tudo o que relatei tem como consequências o fortalecimento de vínculos entre alunos e professoras, carinho pelo espaço escolar, processo de ensino dinâmico e ativo além do amadurecimento das autonomias de todos.

O processo de avaliação na instituição

O exercício de avaliar não é uma tarefa simples, principalmente quando nos reconhecemos como produto de um processo educacional classificatório, hierarquizador e hegemônico cuja avaliação puramente somativa se constituía a partir de questões diretas, descontextualizadas e mal elaboradas e cujo objetivo era apenas de averiguar naquele momento da prova os conhecimentos memorizados pelos alunos.



Assim, quando iniciei o estagio na escola SESC me deparei com uma realidade totalmente diferente, pois as professoras com apoio e incentivo da instituição avaliavam seus alunos de modo verdadeiramente processual. Também chamada de formativa, a *Proposta Pedagógica da Escola SESC* (2015) enxerga avaliação como processo investigativo contínuo da construção de conhecimentos pelo alunado com possibilidade de intervenção pedagógica.

Desse modo, os aspectos qualitativos devem sempre se sobrepôr aos quantitativos na avaliação, e quanto a isto constatei peculiaridades significativas na rotina de aprendizagem dos alunos, em que são elencados alguns critérios de cunho subjetivo que permeiam e norteiam a realização deste processo, são eles: participação, interesse, interação social e organização. Estes permitem compreender o desempenho individual e coletivo da turma e igualmente o trabalho docente.

Destarte, selecionei alguns dos instrumentos avaliativos que julguei interessante quanto a sua utilidade na instituição:

Quadro 2: Instrumentos Avaliativos.

Instrumentos	Conceito
Relatório	Trata-se um <i>dossiê</i> de acompanhamento dos alunos. Contêm objetivos alcançados e os que estão em fase de desenvolvimento. É importante enxergar o aluno integralmente junto as suas habilidades sócio emocionais, cognitivas e culturais.
Registro	Também conhecido como “diário de bordo”, devem partir da observação diária, por isto é realizado aos finais das aulas com o objetivo de provocar reflexão a respeito do trabalho realizado pelo docente. Pode ser escrito, fotografado, gravado dentre outros.
Portfólio	Deve ser organizado pelo próprio aluno, que durante o ano letivo reuni suas atividades em ordem cronológica no documento, proporcionando a auto avaliação destes.

Esses instrumentos permitem às professoras acompanharem seus alunos intervindo de acordo com as necessidades de cada um. Assim, o caráter processual de avaliação reflete nos alunos um posicionamento de autoconfiança, autonomia e motivação, já que não há pressões provocadas pelas “semanas de prova” como em algumas outras instituições. De acordo com a *Proposta Pedagógica da Escola SESC*, durante a avaliação (2015, p.56) “[...] todos são objeto e sujeito da avaliação: professores, equipe técnico-pedagógica, direção, funcionários da secretaria, da limpeza, crianças e pais. [...] (a avaliação) Torna-se um ato político, propiciando e vivenciando mudança, avanço, progresso, enfim, aprendizagem”.



Isto significa que antes de avaliar o outro ou o meu aluno é preciso me auto avaliar, o que constitui encarar questões como: estou proporcionando momentos de intervenções adequadas? Estou trazendo para aula matérias pedagógicas relevantes? Estou utilizando linguagem adequada nas aulas? O planejamento esta atingindo meus objetivos?

Tais essas indagações devem conter no processo educativo e avaliativo. Avaliar a si mesmo é por demais complexo, por isso destaco o papel do registro (ou diário) em que escrevemos tudo o que consideramos relevante no que tange ao desenvolvimento da turma. Esta prática nos remete a reflexões e conclusões mesmo que provisórias acerca das indagações que nos ocupam.

Os relatórios também refletem nosso trabalho, e este é o instrumento no qual se coloca tudo a respeito do desenvolvimento dos alunos. Deve abordar os aspectos de interação social, cognitivos, emocionais, psicomotor dentre outros. Já os portfólios de atividades devem ser organizados pelos próprios alunos e favorecem a auto avaliação, atitude importantíssima no processo avaliativo.

Tais instrumentos tem o objetivo de favorecer o processo formativo de avaliação, e dentro desta perspectiva o cotidiano das tarefas e observações contínuas orientam o docente na realização de tal prática. Assim, é preciso “[...] entendermos que os estudantes aprendem de variadas formas, em tempos nem sempre tão homogêneos a partir de vivências e experiências anteriores [...]”. (FERNANDES e FREITAS, 2007, p.21):

Isto ressalta que devemos levar em conta que nossos alunos são indivíduos únicos com personalidades diversas e que cada um tem potencialidades e dificuldades, o que é totalmente aceitável e coerente e ainda positivo ao processo de aprendizagem em grupo por meio da interação e do diálogo, e que, portanto o papel do professor nesta situação é de mediar, intervir e colaborar para o crescimento dos alunos.

Implicações da experiência de estágio na formação profissional docente

Quando pensamos a sala de aula ainda podemos imaginar aquele espaço tradicional, com carteiras enfileiradas e de frente para a lousa onde o professor ocupa o centro, ou melhor, dizendo, se coloca em frente aos alunos que tem como obrigação escutar e anotar todas suas explicações. O professor nesta concepção tem total poder sobre a turma que deve obedecer-lo sem questionar ou negar-se as suas ordens.



Mesmo admitindo que a imagem descrita pertença a uma perspectiva pedagógica muito arcaica, ainda assim, esta é a lembrança mais comum e muitas vezes a primeira que vem a nossa mente quando invocamos a classe. Tais memórias são importantíssimas para compressão dos momentos de estágios, uma vez que não é durante a graduação que temos nossos primeiros contatos com a sala de aula.

Tardif (2002) diz que as experiências biográficas escolares vividas pelos futuros docentes os ajudam não só na escolha da profissão como também na orientação de escolha de práticas pedagógicas. Crenças, representações e posturas equivocadas podem constituir-se em armadilhas para os estudantes de licenciaturas, pois é aí que a reprodução de práticas arcaicas pode vir a se legitimar. Livrar-nos de tais experiências, não é possível, pois não podemos apagá-las de nossas memórias, porém podemos investigar, analisar e compreendê-las em seus diversos contextos.

Para Libâneo (2001) é necessário entender a pedagogia como prática cultural, de trabalho intencional no sentido de construção e internalização de significados que acontece em situações históricas e sociais concretas. Sendo assim, a escola é espaço de mudança assim, como a sociedade e por isso, devemos nos transformar também seja como atores seja como profissionais nesta. Nossa prática não pode ser a mesma de nossos professores, não podemos querer reproduzir as mesmas aulas com os mesmos instrumentos e organização já que a dimensão sociotemporal não é mais a mesma.

Dessa forma, a primeira coisa que devemos aprender com o estágio é a desconstruir as imagens de aluno, professor, classe e escola tradicional que carregamos dentro de nós. Depois, reconhecer a existência de situações reais que não estão previstas na grade curricular de nossos cursos e que, portanto não somos perfeitos, temos limites e certamente a fronteira que nos separa de aluno a professore é tênue. Assim, Pimenta e Lima (2005) destaca que há a necessidade de propor aos estágios do magistério a construção do professor como sujeito protagonista, reflexivo de sua prática, o que sugere encarar os problemas do cotidiano escolar como foco de pesquisa crítica para planejamento de intervenção metodológica por meio da mediação organizada.

Desenvolver, portanto a competência de inovar, reorganizar, construir projetos, propor mudanças na rotina escolar são fundamentais para superação de nossas restrições e fortalecer nosso amadurecimento profissional, e para isto é preciso enxergar nosso ambiente de trabalho como espaço de formação contínua. Assim, destaco que o estágio é o período



relevante a esta formação no qual observar, experimentar, compartilhar e aprender deve está diretamente ligado ao “fazer”, digo “fazer” no sentido de postura ativa e mediadora em classe e não apenas servir de ajudante a tarefas menos pedagógicas.

Desse modo, Tardif (2002) ainda ressalta que o saber docente é construído a partir do eu pessoal (formado por experiências particulares sobreviventes principalmente do período de pré-formação) que se transforma no eu profissional (desenvolvido com base nas vivências proporcionadas pelas atuações profissionais), sendo, portanto imprescindíveis à soma desses dois “Eus”. Todo esse saber modela nossa identidade, algo que construímos e reconstruímos o tempo todo e enquanto profissionais da educação precisamos valorizar, provocar e adaptar em nossos ambientes de trabalho.

Assim, o estágio na escola SESC me fez rever minhas pré-concepções acerca do magistério e pensar o espaço escolar não somente com as antigas lembranças do ensino tradicional, mas como lugar de realização profissional, formação de cidadania, aprendizagem e de transformação social.

Acredito que os objetivos de estágio em ambiente escolar deve se pautar nestas propostas, deve promover vivências que incidirão positivamente na construção do futuro professor, tendo em vista que as dificuldades existem e que devem ser vistas como fonte de desafios para superação dos obstáculos vividos. Ao final do estágio não me senti exatamente “pronta” para me torna professora e destaco isto como uma consequência natural, mas me sinto segura para dar prosseguimento a esta carreira tão necessária e complexa.

CONCLUSÃO

As dificuldades, pretensões, inseguranças e preocupações são características próprias dos sujeitos em processo de formação e em especial a docência requer muita habilidade, amor e respeito para a sua efetiva atuação. Destarte, o estágio no 2^a ano do ensino fundamental na escola SESC me proporcionou uma riqueza de experiências e aprendizagens. O trabalho pedagógico com crianças me fez compreender o quanto somos responsáveis e cobrados social e institucionalmente no que tange a execução do trabalho profissional.

Desse modo, não só aprendi como se constrói materiais didático-pedagógicos imprescindíveis à realização das aulas, mas também a necessidade de amadurecer as posturas profissionais como atitudes éticas, políticas, morais, o compromisso com o trabalho



desempenhado, o fortalecimento de valores, além da assiduidade e pontualidades. É preciso considerar a escola como espaço de formação docente, e, portanto de construção de identidades profissionais e quanto a isto cada momento do estágio me foi proposto tais intervenções de modo construtivo e proveitoso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. O que significa construtivismo. IN: _____ **As inteligências múltiplas**. 7ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FERNANDES, Claudia. de O. FREITAS, Luiz. C. de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

KAMII, Constance. Princípios de ensino. IN: _____ **A criança e o número: implicações da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos**. Trad.: Regina de Assis. 11ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

LIBÂNEO, José C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR. n.º. 17, p. 153-176, 2001.

PIMENTA, Selma G. Estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n.º 94, p. 58-73, 1995.

_____. LIMA, Maria Socorro L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**. V. 3, número 3 e 4, págs. 5-24, ano 2005-2006.

SESC. Departamento Nacional. **Proposta pedagógica [do] ensino fundamental: anos**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015.

TARDIF, Maurice. Saberes, tempo, e aprendizagens no trabalho no magistério. IN: _____ **Saberes docentes e formação profissional**. Vozes: Petrópolis, RJ, 2002.